

Sem temer punições, militares invasores de becos em Taguatinga passam fim de semana organizando a resistência. Governo volta ao local amanhã para continuar a derrubada de casas e muros construídos nessas áreas

PMs querem resistir

ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

A estratégia é de guerra. De um lado, o Serviço de Vigilância do Uso do Solo (Siv-Solo) planeja outra operação para derrubar casas e muros construídos ilegalmente em becos de Taguatinga Norte. De outro, bombeiros, policiais militares e suas famílias, que ocuparam esses espaços públicos, traçam a estratégia para permanecer onde estão. A trégua entre os dois grupos deve durar até a manhã de segunda-feira, quando recomeça a retirada dos invasores.

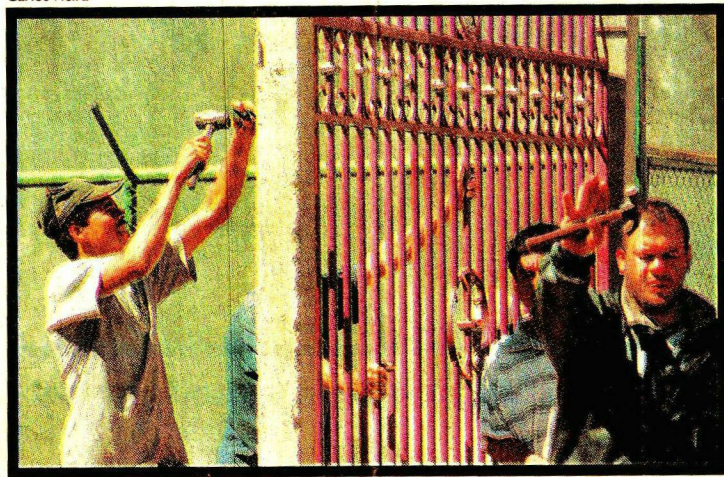
Como na última sexta-feira, a operação envolverá 450 homens — inclusive PMs. De acordo com o gerente de operações do Siv-Solo, major Esmeraldo de Oliveira, a prioridade será o setor M Norte. Mas, ontem, equipes do Siv-Solo percorriam todos os becos para evitar a construção de novas ca-

sas. Não houve registro de motim, como ocorreu na última sexta-feira, quando bombeiros e militares queimaram pneus e interromperam o trânsito por onze horas na Avenida Hélio Prates para evitar a derrubada das construções.

Movimento intenso apenas numa casa do conjunto H da QNM 24: ponto de encontro dos integrantes do movimento de ocupação. Junto ao portão de entrada, pilhas de tijolos e sacos de cimento. “São doações dos vizinhos e colegas de trabalho para a reconstrução das casas derrubadas. Nosso movimento é pacífico e conta com o apoio da comunidade”, afirmou o ex-PM e candidato a deputado distrital derrotado, Aires Costa, um dos líderes do movimento.

Enquanto o Siv-Solo calculava a derrubada de dez casas e a desobstrução de 33 becos, na última operação, Costa e um grupo de policiais e bombeiros conta-

Carlos Vieira



INVASORES COLOCAM GRADE EM UM BECO OCUPADO NA QNJ, EM TAGUATINGA

vam quatro casas e poucos muros derrubados, em 17 becos. “Vamos reconstruir tudo”, garantiu. A reorganização da área invadida começou a ser traçada ainda na noite de sexta-feira, durante assembléia que reuniu, segundo

os organizadores, 600 pessoas.

Barricadas

O grupo planeja uma operação padrão de bombeiros e PMs, com atendimento apenas às emergências, como forma de pressionar o

Governo a liberar os lotes. Além disso, cada invasor se comprometeu a levar o maior número de amigos, vizinhos e parentes, inclusive crianças, para resistir à próxima tentativa de retirada. “Montaremos barricadas na entrada de todas as quadras que têm becos ocupados em Taguatinga. Não vão derrubar nenhuma casa”, garante o ex-policial Aires Costa.

Moradores da QNJ 42, vizinhos a um beco ocupado, prometem participar da mobilização. “Isso era ponto de venda de drogas e de vadiagem. Fico feliz com a entrada deles e me sinto mais segura”, revela a dona-de-casa Gerusa Benfica do Nascimento, moradora do local há 29 anos, referindo à família de um bombeiro que se mudou para o beco ao lado de sua casa. Maria José Rabelo Maia, que ocupa a casa da frente, reforça o apoio. “Eu tinha até medo de sair de casa por conta dos malandros que tinham aí. Eles sumiram com

a chegada do bombeiro e de sua família”, afirma Maria, que na sexta-feira se uniu aos novos vizinhos para impedir a remoção. Ela e Gerusa, com seus parentes, prometem participar amanhã do movimento de resistência.

As demonstrações de apoio da comunidade começaram no dia 1º de maio, quando a mulher do bombeiro — Elizete Nunes, 29 anos — e seus dois filhos (de 5 e 8 anos) passaram a viver numa barraca de lona erguida no local. Os vizinhos doaram água, comida, dinheiro e material de construção. Hoje, a família vive numa casa de 300 m², com quarto, sala, cozinha e banheiro. Elizete guarda um abaixo-assinado de apoio à sua permanência, por 38 vizinhos. “Para nós, é uma humilhação estar aqui deste jeito. Mas não temos escolha. Ou invadimos ou não temos como viver”, dispara a mulher, que teme perder o teto nesta segunda-feira.